

O SAPO

Scannario litterario e humorístico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO H

Redacção
RGA 15 DE NOVENBRO, 51

Curitiba, 12 de Fevereiro de 1899.

Assignaturas
TRIMESTRE 3\$000
Pagamento adiantado

Nr. 7



Actualidade

Essa França gloriosa coroada de louros immarcessiveis, que com o sangue generoso dos seus filhos escreveu paginas de horredouras de civismo e de liberdade; a França nobre de Hugo; o centro da civilização humana; o orvalho da Europa latina; essa França gloriosa e imortal, de onde, nos ultimos crepusculos do seculo passado, surgiram os clarões sideraes da Liberdade, da doce Liberdade que illuminou a face culta do globo; esse paiz illustre está hoje, nos ultimos lampejos d'este seculo convulso, sendo theatro onde desenrola-se uma tragedia dolorosa: a questão *Dreyfus*.

Que triste anthitese é essa que dando nos está esse paiz illuminado pelas mais brilhantes conquistas da liberdade humana.

O velho exilado de Jersey já não existe!

A morte gelou aquelle coração immensissimo que era o coração da França, antes que uns poucos de homens profanassem o 89!

Se esse velho gigantesco existisse ainda hoje seria elle quem, com aquelle verbo sobrehumano, estaria ao lado dos opprimidos. Mas aquella voz, a morte emmudeceo.

Hugo já não existe!

Porem, n'uma irradiacção completa de luz e de martyrio destaca-se o vulto illuminado de Zola!

Se esse homem extraordinario que, glorificando a França, glorifica a humanidade, não tivesse um longo passado luminoso para fallar á alma dos povos cultos, bastaria essa attitudo profundamente humana que assumio na questão *Dreyfus*, para mos-

trar ao mundo civilizado o seu coração de ouro.*

Espirito augusto de Zola: o mundo vos contempla deslumbrado: o mundo inteiro vos abençoa.

Não será com o pó espesso das aruaças que hão de macular a esttua serena da liberdade!

Não será com o bramir rouquenho dos selvagens que a voz magestosa da Justiça ha de emmudecer!

Que raja a tempestade negrejando o céu da França que adoramos...

Mas, o céu ha de novamente anillar-se e o girasol de roza, no occaso, e os astros brilhantes hão de brilhar novamente doirando a curva azul do firmamento.

Os astros serão a Justiça e a Liberdade!

E tu, *Dreyfus*, pobre victima da injustiça humana, tu não fecharás os olhos á luz sem que novamente beijes o sólo da tua terra; sem que novamente vejas o céu immaculado de Pariz!

Tu triumpharás porque a Liberdade ha de triumphar!

Não pôde haver 14 de Julho si não houver Bastilha!

Como Hugo digamos: Tenhamos Fé!

Como Zola, exclamaremos: *Dreyfus* é innocente!

Paranaguá, 31—1—99.

HILARIO DURVAL.



Farpas

Ah! *Touriste* de uma figa! ah! *Touriste* excommungado; e, dizendo excommungado, é preciso logo adduzir—VITANDO...

Não sabes o que dizes? não sabes que, com a tua *Perigrinação Turibiolesca*, provocas umã amenicia, que está imminente?... Agora presta attenção.

O Turibio andava louco... Louco de raiva. E tinha carradas de razão.

Aquillo não era cousa que um homem de bem, um homem serio fizesse. Aquellas parvas pachuchadas, aquellas chocarrices sem pés nem cabeça, só poderiam ser subscriptas por esses garotos malcreados que,—chapéo cahido sobre a orelha direita, na mão um jacarandá formidoloso,—andam por ahí á frente das musicas e dos prestitos, assoviando...

Encommodara-se o Turibio. Viase-lhe no rosto, que as contracções de colera torciam, a forte commoção que o prendia... Nos seus olhos pretos havia o que quer que fosse de anthropophago; e tão fulminantes eram seus olhares, que não se podia resistir a elles...

Elle havia de quebrar a cara ao *Touriste*, quem quer que esse sujeito fosse; ou, senão, chamal-o-ia á responsabilidade e quebrantar-lhe-ia os costados com um temeroso processo: ou, senão ainda, dar-lhe-ia o merecido desprezo, e este era o alvitre que geralmente se lhe aconselhava.

Oh! mas isto não se comprehendia!... Elle, que se propuzera a fazer o sacrificio de viajar, á custa alheia, todos os estados da federação brasileira; elle que, perlustrando todas as regiões nacionaes,—desde o mais acanhado logarejo, até o ponto centrico, o foco do progresso,—havia de haurir conhecimentos encyclopedicos e profundos e, quando regressasse aos *penutes caros e parentes*, abriria o thesouro do seu cerebro incandescente, d'onde havia jorrar luz, muita luz, com que encher o espirito inculto deste povo ignaro,—tal como as aves,

que vão beber ao ribeiro, e vêm saciar aos implumes...

elle, que se impuzera todos esses sacrificios, ver-se agora atacado, chasqueado miseravelmente!?

Oh! isto indigna, isto convulsiona os musculos da ira...

Ah! *Touriste* de uma figa!...

EPAMINONDAS.

PEROLAS (20)

O Terror

Ruge feroz a multidão que avança
Sob o clamor que estronda. Se esborôa
Todo o vasto edificio, e a alma da França
Pelo universo além gemendo atrôa.

Tombam cabeças mil. A que povôa
Turba brutal a praça, onde descunça
O sinistro aparelho em que se escôa,
O sangue, a vida e—Deos!—tanta esperança

Apenas deixa ouvir esse uivo horrendo
Que os monstros têm quando digerem... Scismo
N'aquelle horror, Jesus, e me suspendo!

E então pensar que todo aquelle abysmo
Passa, e saber que o mundo ainda vivendo
Fôra, passado o extranho cataclysmo!

ROCHA POMBO.



Cégo

A sala regregitava de clientes que esperavam, em passivo silencio, a vez da consulta. Eram todos ophthalmicos que alli corriam atrahidos pela fama do dr. Lemos. Velhos, senhoras, creanças, de olhos abafados, guardavam attitudes pacientes. Uns, quasi cégos, visando a trêva com o olhar extatico, parado n'um saudoso recolhimento, advinhavam a noite sem aurora que os esperava. Outros, em via de cura, consolados, esperançosos, olhavam com uma ligeira inclinação de cabeça como os passaros que espiam.

A um canto da sala, pallido sentado, firme e immovel, as mãos espalmava nos joelhos, na attitude hieratica dos memnos sagrados, um rapaz esperava. O seu olhar azul, de um fundo nostalgico, parecia velado de sonhos.

Na sala corria um murmúrio piedoso entre as senhoras principalmente:

—Coitado! tão moço! diziam.

Era o primeiro. Chegara muito cedo ao consultorio, e o creado, vendo-o caminhar vagarosamente, tateando, guiou-o para um canto e fez-o sentar-se no lugar onde ainda se conservava guardando a mesma postura serena.

Foi o primeiro chamado. O criado correu a avisal-o. Tomou-o pela mão e o foi levando a passo lento por entre os outros que o consideravam cheios de compaixão, outros com raiva, prevendo a demora da consulta.

No gabinete, o dr. Lemos encorrou-o, e vendo-o quieto e firme, a vista fria e morta, estagnada, retida, percebeu, com desgosto, que estava em presença de um caso fatal de amaurose. Tomou-o carinhosamente pela mão e, levando-o para a janella, perguntou:

—Que tem?

—Estou cégo, doutor.

O chimico tomou-o pelo mento a outra mão no occiput, derreou-lhe a cabeça e examinou attentadamente as pupillas azues:

—Mas não vê absolutamente?

—Absolutamente. Tenho ainda muito viva a recordação de tudo, porque a minha cegueira data de pouco tempo. Guardo ainda nos olhos um resto de claridade como a que fica no céu depois do occaso. A's vezes acredito estar vendo... Agora, por exemplo: parece que vejo o céu, azul, muito azul...

—Muito azul, pois não. E o medico, interessado, fel-o voltar-se:—Vamos a uma tentativa. Diga-me: distingue alguma coisa aqui?

—Distingo tudo... vejo, devo dizer, doutor, vejo...

—Entretanto, o senhor não pôde ter recordações deste gabinete, porque é a primeira vez que nelle entra. Mas vamos... descreva então o que vê.

—Aqui o senhor, louro, de olhos azues...

Alli! indicou o medico.

—Um divan... e foi indicando, discriminando. O medico, boquiaberto, ouvia.

—Vejo, doutor, ou antes, sonho vêr.

—Sonha?... Mas parece-me uma realidade o seu sonho.

—Realidade...

—Positivamente.

—Antes fosse, doutor... antes fosse!

—Vejam... e tomando da estante um pequeno volume o medico abriu-o ao acaso. Experimente lêr alguns versos.

—Lêr? leio. E começou a lêr correntemente, claramente os versos apaixonados do poeta.

O medico sorriu.

—E' um caso excepcional de cegueira—o primeiro que apparece em gabinete de oculistas: um cégo que vê o azul do céu e que lê, como se os soubesse de cor, os versos de Prudhomme... é extraordinario.

—Acha extraordinario? Parece-lhe impossivel esse caso?... Ah! doutor, suspirou o enfermo, eu não vejo: opero em verdadeiro estado de inconsciencia...

—Mas, afinal, que é que o senhor não vê? interrogou o medico nervoso.

—Eleonora, doutor, a minha Eleonora. Apesar do que affirmam os que me cercam, eu sei bem que ella vive, porque, de quando em quando, sinto o suavissimo aroma do seu halito e ouço a doce harmonia da sua fala... só não a vejo mais... só não a vejo mais! por que? o senhor deve saber a causa—é porque tenho os olhos enfermos... E tristemente:—Não quer desanimar-me... mas eu tenho certeza de que nunca mais, nunca mais recuperarei a vista.

—Não desespere, aconselhou o medico baixinho, depende do coração, do coração apenas. A causa da sua cegueira é uma sombra, n'alma, que é a pupilla do coração... Só ha uma cura possível—o esquecimento.

O enfermo estendeu os braços, baixou a cabeça e duas grossas lagrimas descêram-lhe pelo rosto pallido... Por fim adiantou-se e o medico ouviu distinctamente, através de um soluço, a ultima phrase do desgraçado moço.

—Então, Deus meu! nunca mais terão luz meus olhos tristes!

COELHO NETTO.



A Inquisição.

A Buçidos Bandeira

Havia outr'ora um monstro repellente,
Cara patibular, de grande réo...
Minotauro brutal, impenitente,
Que devorava o piedoso e o incréo...

Na mão—o symbolo da humanal tortura,
Da atroz tortura que pungio o Christo,
Quantos não deu o monstro á sepultura!?
—O' delinquente enorme, inda és malquistado!

Cruel, zbsolutista e deshumano,
Aspiravas ao mando,—ó vil tyranno!—
Ao dominio do céu e ao da terra...

Assassinavas o ancião e o moço!
Quizeste pôr a Luz no calabouço!
E à Liberdade prescrevias—guerra!...

A. FRANÇA.



SONETOS (9)

A musa

Quando, ao cair da tarde o passarinho
 numa curva brevissima e certa,
 o ninho busca, e encontra a companheira
 morta dentro do ninho;

As azas fecha, tremulo, e o biquinho
 sobre, p'ra o ceu voltado, e na cegueira
 de dôr tamanha, sua dôr inteira
 canta devagarinho.

Que ternura modula-lhe o gorgoejo!
 Alguem, ouvindo-o, encanta-se, e, tranquillo,
 não imagina o que lhe vai no seio.

Cantando, o poeta lhe copia a sorte:
 —Julgam a vida ouvir, está-se a ouvir-o,
 e o desgraçado está cantando a morte.

GONÇALVES PASSOS

Theatro

Com grande successo realisou-se
 no dia 2 do corrente, no theatro
 Hauer, o 4º espectáculo promovido
 pelo incansavel grupo dramático
 annexo a benemerita Associação dos
 Empregados do Commercio.

Os dignos moços que tomaram
 parte na festa, foram incansaveis
 para bem poderem satisfazer a es-
 colhida platéa.

O drama levado a scena se não
 nos enganamos, é da lavra de um
 dramaturgo paranaense, que o bap-
 tizou com o seguinte nome: *As vic-
 timas do jogo*.

O Tupinambá, interpretou tão bem
 o seu difficil papel, que por vezes
 perguntamos ao companheiro da
 esquerda: — E' mesmo elle?

Tocou durante os entre actos a
 excellente banda de musica da fi-
 dalga Associação.

Gratos pelo convite que nos foi
 enviado, queremos muitas noites
 iguaes a do dia 2 de Fevereiro.

Avante!

Rimas a malho

U. ú. u. Me conhece?
 Eu sou o — carnavael.
 E ando me divertindo
 Nas ruas da Capital!

Vestidinho de cupido,
 Como sou engraçadinho!
 Batam palmas, batam palmas
 Vou dançar o miudinho.

Nestes dias eu não como,
 P'ra brindar o deus momo!

GASPARINO.

Os infelizes
do amor.

(DIALOGO)

—Bôoa noite Lucidio.

—Adeus amigo.

—Sabes quanto te agradeço o in-
 teresse que tomaste por mim, vindo
 até a rua 15, para mostrar-te a bel-
 leza divina de um ideal sonhado.

—Sim?

—E' verdade. Mas, o que tens?
 estás triste?

—Triste? E' a morte que pouco
 a pouco vai migando a minha exis-
 tencia, arrastando-me para o abys-
 mo do tumulo, para a verdadeira
 vida da realidade; minha historia é
 um romance! minha vida representa
 hoje o soffrer! porem o soffrer
 divino e santo do amor e da illusão..

—Fallas-me em morrer quando
 vejo em teus musculos salientes, a
 força exuberante de vida, o teu
 animo forte pela luta da existencia!?

—Já amaste Lucidio?

—Sim...amei muito e muito!...

—E hoje?

—Odeio-a.

—Porque?

—Ella tinha a innocencia pura da
 castidade estampada em seu divino
 rosto, a belleza que arrebatava, ideali-
 sada pelos grandes mestres da poe-
 sia, sua voz era pura e melodiosa
 como o gorgoejo sonoro da patativa,
 como serenatas dulcificantes tocadas
 em bellas noites de luar, mas...essa
 voz... essa voz... tremo em dizer—
 era voz da perfidia! o canto da se-
 reia perversa!

—E a alma?

—Era negra e hyppocrita como a
 consciencia do assassino!...

—E's poeta Lucidio?

—Talvez...

Vamos ao assumpto:

—Chamas-te-me para fallar de ti,
 para analysar o teu ideal sonhado
 e nada me disseste ainda!...

—Ah! é verdade Lucidio...minha
 historia é mais triste do que a tua!
 meu amor é mais nobre e mais san-
 to do que...ah! perdôa-me! estou
 blasphemando!...meu amor é tão
 nobre como o teu! perdão! estou
 delirando!...é o delirio do amor!

—Pois bem Lucidio, ahí tens a
 minha amada, a virgem bella sym-
 bolisando o amor, o ente adorado
 representando o orgulho!...

Não vês?

—Não.

—Repare ao longe uma Deusa
 que vem passeando descuidosa, com
 um porte de Rainha e orgulho de
 Princeza, esmagando a todos com
 sua desdenhosa altivez, parecendo
 desafiar a propria natureza que riso-
 nha a contempla!...

Olhe para o seu bonito vestido côr
 de roza, tão bem adaptado com suas
 feições de um rubro encantador!
 Adoro as rosas, Lucidio.

—E se ella estivesse trajando o
 rouxo?

—Adorava mais ainda, porque o
 meu coração soffre! e esta côr só é
 dado aos tristes! aos infelizes do
 amor!...

—Agora, pergunto eu, o que tens
 amigo? estás tão pallido!

—Sim? é o coração que palpita
 ante a sua passagem, é o amor dilac-
 erado pelo Impossivel, é a alma na
 sensação agradável do extase que
 voando...evapora-se pela illusão
 do sonho!...

—Mas... o que fizestes para mere-
 cer tanto desprezo?

—Nada.

—Nada?

—Escute:

Fui ao club em uma noite poetica
 de sumptuoso baile, com o coração
 repleto de uma alegria immensa, con-
 videi-a para dançar a segunda qua-
 drilha...sabes? a quadrilha dos noi-
 vos...sentei-me a seu lado esquecido
 da vida, familia, irmãos e patria,
 embriagando-me com a sua belleza,
 tornei-me logo egoista da ventura...
 e a declaração de amor expirava-me
 nos labios, nada podia dizer...con-
 templava-a como sonambulo, ado-
 rava-a como uma santa, mas...a con-
 fissão que eu fiz ella percebeu per-
 feitamente, não se pôde escrever
 no papel, nem dizer-se baixinho ao
 ouvido como cavatina do amor...
 não!...minha confissão era muito
 mais pura e mysteriosa que só Deus
 é testemunha—a revelação do olhar
 amoroso, que traçoêramente desco-
 brio a chamma intensa de meu amor
 tão nobre, acalentado pelo sorriso
 tão doce da illusão!...

—E hoje ainda amas essa mulher
 que tem o veneno no coração? essa
 mulher que dilacera a alma bestia-
 lisada pelo orgulho detestavel da
 familia?

—Não sei!...

—Odeias?

—Tão pouco.

—Qual o sentimento mysterioso
 que dedicas a essa creatura?

—E' um sentimento tão original, (que eu mal posso definir) mixto de amor e odio, de felicidade e tristeza que leva-me às vezes o pensamento ao longe... ao velino azul das regiões ethereas...

Não acreditas Lucidio em Christo, que por nós soffreu com a paciencia angelica do Martyr, e para nossa salvação expirou dilacerado de dores, sendo cruxificado em uma tosca e simples—Cruz—abençoando os seus algozes? Não acreditas na verdadeira doutrina de Jesus?

—Acredito.

—Conheceste-o?

—Não.

—Pois bem, é este o sentimento puro que nutro pela mulher que adoro, e as vezes ouço uma voz terrível que faz-me um medo horrível deixando gelado o sangue nas artérias:

«Tu és um humilde plebeu e queiras abraçar o orgulho indomavel?»

Mentira! sonho! illusão!

—Isto é pesadelo amigo.

—Não.

Ouço as vezes outra voz harmoniosa de anjo dizer-me também baixinho com a doçura inefavel dos cherubins de Deus...

—E... essa voz?

—Diz: ESPERANÇA...

—Adeus Lucidio, soffro muito.

—Passar bem amigo, nós somos os infelizes do amor!... paciencia e... esqueça.

—Impossivel!

—Impossivel!

E o echo ao longe também diz:

—Impossivel!

P. P. MARTYR.



Festa de mascara

Discurso pronunciado pela oradora da Sociedade Flór dos Tropicos do Jacarésinho, por occasião dos cumprimentos que a mesma foi levar ao mimoso e fidalgo «Gremio Esperança» no momento de realizar sua partida mensal nos salões do Club Curitybano:

Gentis collegas. Moçada. Nho chico.

A Sociedade Flór dos Tropicos, com séde no Jacarésinho, districto da Freguesia de Thomasina, comarca de S. José da Boa Vista, do Estado do Paraná, d'este glorioso pedaço do Brasil, d'esto gigante aquatico

que os alfaiates querem que pertença á America do Sul, vem representada por nho chico e essa tropilha comprimentar o Gremio de vances, que hoje abrindo os seus salões, nos salões do Club Curitybano, proporciona a todos os que tem o gaudio de ser contemplado com um—«*Temos a honra de convidar a V. S.ª*»—o maior e mais deslumbrante prazer de contentissima alegria que nos arrebatava e satisfaz.

Salve pois Gremio sublime que esteorotypando a exuberancia das ecchimosações exotericas que os homens, esses bipedes funambulescos e scandinavos trazem encerrado no seio, purejando mentiras, erguesse ao pinaculo altivo ja immensidade ruborisada pelo sopro estrambolico dos raios do uberrimo Apollo. Eu, modesta chrisallida no despontar da alvenitente existencia, venho em nome das minhas gentis amigas erguer um viva artilhifero que echoará pelos espaços como o espirro de um nariz Wanderlerico.

Salve pois encyclopedico e inequalavel Gremio, que entre a magnificencia de esplendores celestes brilha como estrella de real grandesa.

Viva a esperanza do Gremio

Viva o Gremio da Esperança

Viva a dança da moçada

Viva a moçada da dança



Photo-Jumelle

14

Aspecto—Sagui vestido.

Profissão—Profissão?...

Divisa—Tudo por Curityba.

A. PESSOA



Impressões...

O «Gremio Esperança». O duelo. A Arte. Assignatura.

O adoravel, poderoso, oloroso, «Gremio Esperança» realizou no dia 5, nos salões do Club Curitybano, a sua partida mensal.

Que de alegria, confetti, serpentinhas, por lá reinou podem perfeitamente fazer uma ideia aquelles que me lêem. Não tenho noticia de ou-

tro sarão igual a este do *Esperança*! As serpentinhas semelhando collosaes jararacas, enroscavam-se pelas pernas das moças que, n'um rodopio atordoador passavam enlaçadas pelos braços de seus cavalleiros, entre-gues, fascinadas pelas notas dulcissimas da valsa executada pela orchestra.

O sarão foi obrigado a orchestra!... Contentissimo ficarei sempre, sabendo que as *Esperanças* souberam corresponder a expectativa dos seus innumeros convidados.

E, na *salva do reconhecimento, como militar correcto*, venho n'esta columna perpetuar o meu agradecimento pelo convite aromatizado que recebi.

Houve também desafio
Para o duelo por cá!...
E o caso é que se deo
O mesmo caso que lá...

Sendo os moços dentistas,
O duelo era a dentada;
Mas, o oriente que não dorme
Poz os dois em debandada.

Para que tudo acabado fosse
Cada um engulio um... doce.

—Por intermedio da Arte a gente sobe tão brilhantemente aos sete céos do Mundo, que de lá não se tem mais vontade de voltar attendendo o quanto somos pequeninos olhados d'aquella distancia!

—Pensamento piégas, Arnaldo, este teu que acaba de me negar ao órgão auditivo. Moço, um futuro deslumbrante na frente e dando-se ao trabalho de furgicar pensamentos deste jaez. Abandona esta tão proclamada arte, porque, unicamente por um outro prisma que não o em questão, chegamos a verdadeira conclusão do que é a—Vida...

—Nada, o prisma por mim adoptado é o puro, embora diga a *burguezia chata* (n. 1002) cousa muito differente disto. A Arte é tudo e...o Sonho é...mais um pouquinho.

Podem babujar a vontade estes que não n'a comprehendem; podem coaxar a vontade porque não passam de asquerosos *sapos*, enquanto que eu:

Sonho... Sonho... Sonho...

—Atravessará esta Vida sonhando...

SATYRO.